

O papel da página “Empodere Duas Mulheres” na expansão do movimento feminista nas redes sociais¹

Zilá Marília Torres Rodrigues²
José Riverson Araújo Cysne Rios³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Este artigo tem a finalidade de considerar a influência das redes sociais e, mais especificamente, das páginas do Facebook na difusão do movimento feminista no século XXI, através de uma pesquisa “netnográfica” da página “Empodere Duas Mulheres”. Pretende, ainda, aliada a esta pesquisa, relacionar as conexões online vistas na página com os estudos acerca do ciberativismo e com a teoria feminista e sua história ao longo do tempo.

Palavras-chave: redes sociais; facebook; feminismo; netnografia; ciberativismo.

Introdução

Desde sua ascensão e popularização, as tecnologias da informação e comunicação – também conhecidas como TIC’s –, vem garantindo cada vez mais um papel atuante na disseminação de todo e qualquer tipo de informação. A internet, mais especificamente, serve como grande palco de tal disseminação, uma vez que, diferentemente dos meios de comunicação de massa tradicionais, como o rádio, a televisão e os jornais, ela se torna mais acessível a boa parte da população. Desta maneira, além de atingir um maior público, a internet também permite que este público passe a se tornar autor destas informações.

Por conta da maior acessibilidade e do grande poder de difusão que a internet proporciona, toma-se esse espaço como ponto de expansão de discussões de movimentos sociais. Os diversos ativistas políticos acabam por utilizar a internet e, principalmente, as redes sociais, como suporte para a articulação de tais movimentos.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior - XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, e-mail: mariliatr@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFC, e-mail: riverson@ufc.br

Embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupações e manifestações de rua, sua existência continua tem lugar no espaço livre da internet (CASTELLS, 2013. p. 129).

Nesse ambiente em que as militâncias propagam suas ideias, o movimento feminista se insere e seu debate cresce massivamente. De janeiro de 2014 a outubro de 2015, a busca pela palavra “feminismo” no Google cresceu cerca de 87,6%, segundo pesquisa feita pelo coletivo Think Olga – o total de buscas passou de em média 8.100 para 90.500.⁴ Os direitos das mulheres e a equidade social de gênero são discussões cada vez mais presentes e isso se dá pela constante presença da temática nas redes, seja através de textos compartilhados em perfis pessoais, em posts de blogs e em páginas de redes sociais, como o Facebook. É o ciberativismo⁵ se mostrando como meio eficaz de exercício da democracia.

É neste contexto que nasce a página da rede social Facebook “Empodere Duas Mulheres”, objeto de estudo deste artigo. A página foi criada pela jornalista Maynara Fanucci em janeiro de 2015 e, até junho de 2016, possui cerca de mais de 900 mil curtidas. Segundo a criadora, a página possui o objetivo de propagar o debate acerca do movimento feminista de forma didática e voltado especialmente para mulheres.

Com base em uma pesquisa etnográfica feita no espaço da web – também conhecida como netnografia –, este artigo pretende, aliado aos estudos acerca do feminismo e do ciberativismo, bem como os estudos sobre redes sociais, analisar a página “Empodere Duas Mulheres” e verificar como esses espaços nas redes acabam por influenciar uma expansão das discussões do movimento feminista.

1. Ciberativismo

No contexto social atual, é comum ver a seguinte situação: uma pessoa apoia uma certa causa social. Para manifestar seu apoio, o indivíduo primeiramente costuma acessar a internet, buscar blogs, grupos em redes sociais e fóruns a fim de trocar

⁴ Disponível em <<http://elastica.abril.com.br/buscas-por-feminismo-e-empoderamento-feminino-cresceram-no-google-e-isso-e-otimo>>. Acesso em 2 de Junho de 2016.

⁵ É uma forma de ativismo pela internet, também chamada de ativismo online ou digital, usada para divulgar causas, fazer reivindicações e organizar mobilizações.

experiências. Além disso, o indivíduo também pode fazer doações, compartilhar eventos e articular reuniões presenciais. Tudo através das redes.

Por isso, a fim de iniciar os estudos deste artigo, é importante ressaltar, primeiramente, o conceito de ciberativismo. Entende-se por ele a utilização das tecnologias de informação e comunicação, como a internet, por movimentos políticos, com o objetivo de lutar contra injustiças sociais que se estendem até as redes, além de promover mobilizações e alcançar metas da militância (SANTOS, 2011, p. 3).

Isso se torna possível uma vez que a internet e, de forma ainda mais poderosa, as redes sociais possuem um grande poder de promover o alcance da informação de forma mais difusa e transparente, atingindo um maior número de pessoas que por sua vez tomam aquele espaço para debates e discussões – diferentemente do que ocorre nos tradicionais meios de comunicação de massa. Em seu livro intitulado *Redes Sociais na Internet*, a autora Raquel Recuero afirma que:

O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. (RECUERO, 2009, p. 116).

Segundo o autor André Lemos, em *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*:

Essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (LEMOS, 2002, p.68).

Para os ciberativistas o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que na maioria das vezes não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas ideias.⁶

⁶ SANTOS, F. J. R., 2011, p. 3.

O ciberativismo, portanto, se mostra como uma ferramenta importante na construção e consolidação de uma sociedade democrática, sendo utilizado para movimentar ativistas em todo o mundo para as mais diversas causas políticas e sociais relacionadas aos direitos humanos, tais como o movimento feminista, que se mostra cada vez mais presente nas redes através de, por exemplo, blogs e páginas do Facebook – sendo, então, objeto de estudo deste artigo.

2. Movimento feminista na contemporaneidade

O que são, exatamente, esses movimentos sociais? Nós os encaramos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (cf. GOHN, 2008).

O feminismo, portanto, se caracteriza como um destes movimentos sociais cujo debate e pautas se renovam ao mesmo tempo em que as formas de organização social vão se renovando. Possui como principal objetivo desde os seus primórdios a luta pela equidade e igualdade de gêneros, ou seja, direitos justos para mulheres e homens, visando, assim, o total empoderamento feminino e o fim das opressões ditadas por padrões de uma sociedade patriarcal. É a busca por uma sociedade em que não exista hierarquias de gênero, nem para conceder privilégios, nem para legitimar opressões.

Para estabelecer um panorama do movimento feminista na contemporaneidade e como ele se comporta diante das redes, é importante voltar no tempo e conhecer seu histórico. Este movimento pode ser dividido historicamente em três momentos, chamados de “ondas do feminismo”.⁷ A primeira onda, no Brasil, teve seu início no fim do século XIX. Tinha como pautas principais as reivindicações pelo direito ao voto feminino e a liberdade de uma vida pública.

Já a segunda onda veio em um momento sensível e de instabilidade política no país, onde as pautas do movimento se desdobraram e tornaram-se mais específicas. O Regime Militar estava instaurado no Brasil, nos anos 70, onde ascende esta segunda onda. Além da luta pelo fim da ditadura e pelas liberdades individuais num geral, o movimento feminista reivindicava a liberdade sexual feminina, o direito de escolha sob

⁷ Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>. Acesso em 4 de Junho de 2016.

o próprio corpo, o fim de assédios e violências sexuais, bem como a expansão de direitos trabalhistas das mulheres.

Nos anos 90 é estabelecida a terceira onda. Esta veio com o objetivo de analisar, discutir e questionar pontos importantes estabelecidos nas ondas anteriores, aprofundando essas discussões. As críticas eram voltadas especialmente para o fato de ser necessário realizar recortes – de cor, sexualidade e classe – nas pautas do feminismo.

Há, ainda, outro ponto a ser explanado: o movimento feminista reúne um conjunto de discursos e práticas que dão prioridade à luta das mulheres para denunciar a desigualdade de gênero. Sendo assim, ao longo dos anos, percebeu-se o surgimento de correntes ideológicas dentro do movimento feminista. É possível compreender que algumas correntes presentes na luta feminista atualmente são releituras de correntes históricas do feminismo (SANOS, BARROS, 2015, p. 4).

De acordo com a pesquisadora Carolina Branco de Castro Ferreira (2014), existem três tendências – ou, como também são chamadas, vertentes – mais populares no movimento feminista brasileiro da contemporaneidade:

- o feminismo negro,
- o feminismo interseccional e
- o feminismo radical.

O debate feminista quando acontece apenas em um ambiente acadêmico acaba por invisibilizar as questões de mulheres lésbicas, negras e pobres, uma vez que pouca parcela destas tem acesso ao debate na academia. E é nesse contexto, então, que essas discussões se pautam e se expandem não só através das produções acadêmicas, mas através do meio cibernético em blogs, weblogs e, claro, nas redes sociais – onde qualquer um com acesso à internet pode ser autor e ativista destes movimentos.

O mundo vive uma nova onda feminista em que questões de gênero conseguem pautar a grande mídia nacional e internacional por causa das possibilidades de maior intervenção das mulheres nos espaços públicos e simbólicos (CASTELLS, 2013, p.58).

Isso não significa que as mulheres não se manifestavam em tempos passados, mas que, com o auxílio da internet e das ferramentas online, ficou mais fácil, eficaz e

até seguro, para essas feministas exporem suas ideias e demandas para a sociedade (RODRIGUES, LUVIZOTTO, 2014, p. 3).

De acordo com a ativista do movimento feminista Clareana Cunha,

A internet desenvolve-se, no contexto da comunicação, como um oxigênio para os meios tradicionais e, para nós feministas, vem sendo o canal por onde conseguimos propagar nossas pautas e mobilizar para nossas ações. (CUNHA, 2013).

O Brasil se encontra como uma das regiões que possui um dos maiores números de usuários conectados no Facebook, rede onde será estudado o objeto deste artigo. Segundo a rede, 8 em cada 10 brasileiros conectados a internet são usuários do Facebook. Além disso, o número de usuários ativos mensais chega a 99 milhões.⁸

Esses dados demonstram a potencialidade das redes sociais para reunirem pessoas em torno da militância por uma causa. No caso do movimento feminista isso não é diferente. Compreender como esse espaço pode ser utilizado por movimento de mulheres para falar sobre os direitos das mulheres é o interesse deste trabalho. Afinal de contas, o ciberespaço é uma extensão do social e não uma realidade paralela descolada do que vivemos fora do ambiente digital (SANTOS e BARROS, 2015, p. 5.).

Metodologia

O método de análise do presente artigo será qualitativo e se dará através de uma pesquisa netnográfica da página "Empodere Duas Mulheres" da rede social Facebook. É importante, portanto, para o seguimento desta análise, dispor esclarecimentos sobre o que seria uma netnografia.

Proveniente da antropologia, a etnografia é um método de pesquisa que reúne técnicas que preparam o pesquisador para o trabalho de observação a partir da sua inserção em comunidades para pesquisa, onde este entra em contato com o objeto de estudo. Para o autor Clifford Geertz, fazer um trabalho etnográfico é:

⁸ Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>>. Acesso em 5 de Junho de 2016.

“como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”. (GEERTZ, 2001, p. 20)

Basicamente, a etnografia consiste na submersão do pesquisador naquele mundo em que se está estudando por um tempo determinado. Desta maneira, tem-se como objetivo levar em consideração as relações que se formam entre os indivíduos participantes dos processos sociais desse recorte em análise.

Esse método de pesquisa, quando posto para estudo de práticas no mundo cibernético recebe o nome de netnografia ou etnografia virtual, isso porque, no campo da comunicação, “muitos objetos de estudo localizam-se no ciberespaço” (MONTARDO & ROCHA, 2005, p. 1).

Portanto, aliado aos estudos sobre ciberativismo, redes sociais e o movimento feminista, será realizado este processo de observação e análise netnográfica da página “Empodere Duas Mulheres”, uma das maiores redes de ciberativismo do movimento feminista na web.

3. Análise de dados

Em janeiro de 2015, a jornalista e ativista Maynara Fanucci decidiu criar a página “Empodere Duas Mulheres”⁹ na rede social Facebook com uma motivação principal: categorizar os debates acerca do feminismo de forma didática e simples e, principalmente, sendo estes voltados especial e principalmente para mulheres. De acordo com a descrição da página, a ideia surgiu de um simples questionamento: porque explicar feminismo para um homem se, no mesmo tempo, podemos explicá-los para mulheres e empoderá-las? Segue a descrição:

A luta é por todas, inclusive as periféricas. Se o meu feminismo não lutar por elas, quem vai? Se o que eu mais acredito só atinge o meu ciclo de mulheres feministas de classe média, que luta é essa? Não dá

⁹

Disponível em <<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres>>. Acesso em 4 de Junho de 2016.

pra excluir, não dá pra silenciar, não dá pra oprimir. Não dá pra esquecer e relevar.

O buraco é muito mais profundo. Enquanto tem mulheres sendo massacradas pelo patriarcado, tem outras querendo explicar feminismo pra homem. Todas as vivências são necessárias, mas a luta é muito maior. Enquanto tentamos acabar com o patriarcado e atingir essas mulheres periféricas no movimento feminista, (muitas inclusive não fazem nem ideia do que isso significa), tem mulher querendo incluir homem no rolê. O opressor. Eu pediria que pra cada homem que você quer explicar feminismo, troque por duas mulheres. Empodere duas mulheres no lugar de explicar feminismo pra um homem. Os efeitos vão ser incríveis e muito mais eficazes.¹⁰

A observação do perfil se deu início no dia 15 de maio de 2016 e seguiu até o dia 14 de junho do mesmo ano. Neste período, a página ganhou cerca de 300 mil curtidas – passou de mais de 600 mil para mais de 900 mil, possuindo, na presente data, 913.243 mil curtidas.

No período analisado, a página conta com uma média de 2,38 posts por dia. Além disso, a maioria dos posts são compartilhamentos de links de notícias, sendo estes cerca de 62,5% do total. Em seguida ficam as fotos, ocupando 29,2% e, depois, os vídeos, com 8.3%.

As postagens são, em sua grande maioria, relacionadas a diversas questões que envolvem as pautas de gênero e as lutas feministas: as notícias compartilhadas podem ser sobre casos de assédio e violência, sobre leis relacionadas aos direitos das mulheres, entre outros temas. As imagens em sua grande maioria são também prints de notícias ou, muito comumente, prints de posts de seguidoras da página. Já os vídeos se dão por propagandas, campanhas e trailers de filmes, todos relacionados, também, às pautas do movimento feminista. Seguem alguns exemplos dentre os posts mais curtidos e compartilhados neste período:

10 Disponível em https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/info/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info. Acesso em 2 de Junho de 2016.



Figura 1 – Print de postagem do dia 16 de Maio: compartilhamento de uma notícia

Fonte: Autora

No dia 16 de Maio, Laércio de Moura, ex-participante do reality show Big Brother Brasil – conhecido como BBB e transmitido pela Rede Globo –, foi preso sob acusações de ter cometido estupro de vulnerável e, além disso, de ter oferecido bebidas alcoólicas a jovens menores de idade.¹¹ O caso logo tomou grande notoriedade, principalmente em páginas de discussões do movimento feminista, uma vez que Laércio já havia sido pauta de postagens e compartilhamentos desde sua participação no BBB. O curitibano de 53 anos passou a ser alvo de duras críticas por conta de suas constantes discussões com outras participantes do reality show que, por conta de seu comportamento, o chamavam de pedófilo e outros adjetivos.

¹¹ Disponível em <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/05/ex-bbb-laercio-e-presos-por-estupro-de-vulneravel-em-curitiba.html>>. Acesso em 4 de Julho de 2016.

Com as acusações e a forte mobilização do movimento feminista nas redes, iniciou-se um processo de investigação que resultou na prisão de Laércio. A recepção do público feminista e leitor da página “Empodere Duas Mulheres” foi positiva à prisão do ex-BBB. A internauta Thayna de Oliveira comentou na postagem acima (cf. Fig. 1): “o poder das redes sociais e dos movimentos feministas..Ta aí...Já foi tarde pedófilo nojento”. Grande parte dos comentários também fazem referência a também ex-participante do BBB, Ana Paula, uma das que estava sempre em discussão com Laércio no reality. Os comentários são de apoio a ela: “Cade a galera que dizia que Ana Paula era maluca de chamar ele de pedófilo e que ele era um senhorzinho pobre coitado?”, comenta a usuária da rede Luciana Matoso.



Figura 2 – Print de postagem do dia 27 de Maio: imagem com print de usuária da rede

Fonte: Autora

Notou-se que houve um grande acréscimo do total de curtidas e compartilhamentos no período do dia 25 a 27 de Maio. Isso se deu por conta do caso da garota de 16 anos que foi estuprada no Rio de Janeiro por 33 homens.¹² O acontecido teve grande repercussão na mídia e gerou a comoção e mobilização de diversos meios que também propagam informações acerca do feminismo, assim como a página “Empodere Duas Mulheres”.

Os comentários e discussões giraram em torno, principalmente, de questões como a culpabilização da vítima, a exposição e espetacularização de casos de estupro e assédio e, num geral, a “cultura do estupro”¹³. Na referida postagem (cf. Fig. 2), a usuária Maressa Muhamad comentou que “se ela fosse homem isso não aconteceria, é a única forma”.

¹² Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/policia-do-rio-apura-suposto-estupro-coletivo-e-identifica-autores-de-posts.html>>. Acesso em 14 de Junho de 2016.

¹³ Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-estupro>>. Acesso em 4 de Julho de 2016.



Figura 3 – Print de post do dia 5 de Junho: compartilhamento de vídeo

Fonte: Autora

Um tipo de postagem comum na página “Empodere Duas Mulheres” é o compartilhamento de vídeos como comerciais, campanhas, trailers de filmes, entre outros. No dia 5 de Junho, a página fez a divulgação do comercial da marca de absorventes sueca Libresse (cf. Fig. 3), que ganhou notoriedade por fugir do padrão de comerciais comumente visto na mídia para este tipo específico de produto. Dentre os leitores da página, a recepção foi positiva, como mostra o comentário da internauta Laura Fernandes: “Tão vendo, publicitários? Se pensar um pouquinho mais, dá pra criar umas coisas bem legais, sem precisar apelar pro estereótipo e pro machismo”.

O monitoramento online mostrou, ainda, que os comentários nas postagens da página são favoráveis a esta e partem de usuários que se encaixam na mesma linha ideológica proposta pela página. Os comentários de maior número de curtidas, inclusive, complementam e/ou concordam com a opinião dada nas postagens do perfil.

Cria-se, assim, uma rede de discussões que fazem jus exatamente ao que foi exposto no conceito de ciberativismo. São usuários comuns de uma rede social que mobilizam-se entre si, através uma página que caracteriza pensamentos em comum, para partilhar a luta feminista em um ambiente que sai do espaço urbano e migra para as redes sociais – atingindo, desta maneira, um número maior de indivíduos.

Considerações finais

No contexto analisado neste presente artigo, foram explanados pontos como a influência das tecnologias de informação e comunicação na consolidação de uma sociedade democrática a partir do ponto de que estas tecnologias, através da internet e das redes sociais, facilitam a articulação dos mais diversos movimentos sociais. Além disso, foi mostrado também como essa expansão se dá diante do movimento feminista e como contribui com sua evolução no mundo contemporâneo.

Diante disso, é possível notar o papel e a influência das redes de relacionamento, tais como o Facebook, no auxílio da articulação do ciberativismo. São através deles que mais e mais indivíduos tomam conhecimento da luta pelos direitos das mulheres e passam a se tornar construtores delas não necessitando mais sair para o espaço urbano para colaborar com os movimentos.

A aplicação de uma pesquisa netnográfica na página “Empodere Duas Mulheres” evidencia que a expansão do movimento feminista através das redes é algo que está cada vez mais garantindo seu espaço. O ciberativismo das mulheres se consolida ainda mais como forma de militância concreta e válida.

As informações expostas no ciberespaço são propagadas e compartilhadas em uma velocidade jamais vista nos meios de comunicação de massa. E, assim, caminham também as mulheres e o movimento feminista.

Referências bibliográficas

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/com-internet-feminismo-esta-em-alta-entre-jovens-diz-especialista>>. Acesso em 2 de Junho de 2016.

<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_281598.shtml> Acesso em 2 de Junho de 2016.

<<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>> Acesso em 4 de Junho de 2016.

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/feminismo-em-versao-20-7erty1v0w36xbkv6yjjwv1iku>>. Acesso em 4 de Junho de 2016.

<<https://marchamulheres.wordpress.com/2012/11/19/feminismo-2-0-a-contribuicao-do-ciberativismo-para-o-movimento-de-mulheres-e-a-importancia-do-marco-civil-da-internet/>>. Acesso em 4 de Junho de 2016.

<<https://marchamulheres.wordpress.com/2013/10/18/marco-civil-ja-feminismo-nas-ruas-e-nas-redes-ate-que-todas-sejamos-livres/>>. Acesso em 4 de Junho de 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Brasil: 2011.

MELLO, Jaciara Novaes; RIBEIRO, Rubia Francine. **Cibercultura e Redes Sociais – Twitter como Interação**. Brasil.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. Brasil: 2005.

RODRIGUES, Laís Modelli; LUZIVOTTO, Caroline Kraus. **Feminismo na internet: o caso do coletivo Marcha das Vadias e sua página no Facebook**. 2014. Disponível em <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2014/suplementos/area/Humanarum/Comunica%C3%A7%C3%A3o/Feminismo%20na%20internet.pdf>>. Acesso em 4 de Junho de 2016.

SANTOS, Fernando Jacinto Anhê. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil**. Revista Anagrama. 1. ed. São Paulo: 2011. Disponível em <http://www.usp.br/anagrama/AnheSantos_ciberativismo.pdf>. Acesso em 2 de Junho de 2016.

SANTOS, Nícia de Oliveira; BARROS, Jordana Fonseca. **O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia - Original**. 2015. Disponível em <<http://www.labcomdata.com.br/wp-content/uploads/2015/12/SantosNdeOBarrosJFPaper.pdf>>. Acesso em 4 de Junho de 2016.